

MOVIMENTOS E ATORES SOCIAIS

*Daniel SOCZEK*¹

Boa parte das publicações sobre movimentos sociais é de estudos de caso, os quais são importantes para a compreensão conjuntural de fatos espacial e temporalmente localizados, cuja relevância, sob a égide da *práxis*, está na comprovação de teorias e/ou na demonstração de suas fragilidades. No entanto, além disso, também se faz necessário construir conceitos que expliquem determinadas realidades em sua individualidade ou em seu conjunto, o que requer uma apurada percepção dos problemas sociais e um arcabouço teórico significativo para não incorrerem em redundâncias, possibilitando, assim, o avanço da ciência. É em ambas perspectivas que Maria da Glória Gohn, em sua mais recente publicação, *Movimentos Sociais no Início do Século XXI: antigos e novos atores sociais*, nos brinda com suas reflexões, acrescidas das de mais dois outros autores, que tentam avançar na compreensão dos movimentos sociais em nossos dias. Visando uma formulação teórica mais ampla, aliado a um esforço para organizar e sintetizar as diversas visões de mundo e a ação política nos moldes próprios da academia, temos nessa coletânea um guia, um retrato dos aspectos mais importantes dos movimentos sociais em âmbito nacional e internacional, neste último, de modo específico, os movimentos antiglobalização.

Essa pequena coletânea com pouco mais de cem páginas está dividida em dois blocos. O primeiro compõe-se de três textos da autora-organizadora e o segundo, de dois textos abordando visões diferenciadas sobre os movimentos sociais, em forma de estudos de caso, assinados pelas professoras Eurípedes da Cunha Dias e Denise Mesquita de Melo.

O primeiro bloco, composto pelos textos “Movimentos Sociais na Atualidade: manifestações e categorias analíticas”, “Movimentos Sociais Antiglobalização: de Seattle/1998 a Nova York/2002” e “I e II Fórum Social Mundial em Porto Alegre”, possuem uma unidade lógico-teórica que justifica seu agrupamento. O primeiro, já em suas linhas iniciais, se propõe a demarcar o entendimento da autora de Movimentos Sociais sob a ótica habermasiana do agir comunicativo. O objetivo é claro, mas as dificuldades analíticas dos movimentos sociais acabam deixando suas marcas em forma de alguns vazios teóricos não explorados pela autora. Partindo do pressuposto de que “na realidade histórica, os movimentos sociais sempre existiram

¹ Doutorando em Sociologia Política – UFSC – 88040-900 – Florianópolis – SC.

e sempre existirão” (p.12), a autora, por exemplo, não estabelece critérios que diferenciem movimentos emancipadores de movimentos terroristas, apoiando-se exclusivamente numa abstração nominalista intitulada democracia, já que também não delimita esse conceito. Uma outra dificuldade está na sua tentativa de estabelecer tipologias quando trata da atuação dos movimentos sociais progressistas em forma de redes. Assim, as nomenclaturas “redes de sociabilidade”, “redes virtuais”, “redes de temáticas específicas”, “redes socioculturais” e “redes de entidades afins” têm suas linhas divisórias pouco claras, possibilitando que um determinado movimento seja enquadrado entre duas ou mais categorias, o que frustra qualquer possibilidade analítica.

Os dois textos subseqüentes constituem-se em relatos de experiências de movimentos sociais em termos internacionais, de modo específico os movimentos antiglobalização e, em termos nacionais, a participação desses e de outros atores sociais nos I e II Fórum Social Mundial. A importância do primeiro está na sua crítica à reprodução do sistema capitalista, sendo “movido para a busca de soluções alternativas aos problemas sociais e à própria preservação da vida no planeta” (p.33). Já os Fóruns Sociais Mundiais, de modo especial o segundo, tornou-se “referência no plano internacional e colocou no centro dos debates econômicos mundiais a questão social” (p.88). O mérito desses dois textos está em apresentar em termos históricos um balanço das principais ações desses atores sociais de uma maneira cronologicamente linear, nos permitindo ter uma visão abrangente desse processo, acompanhado de uma reflexão que auxilia nossa compreensão da correlação desses fenômenos entre si, vislumbrando alguns dos seus reflexos diretos e indiretos na sociedade como um todo. Entretanto, novamente aqui algumas dificuldades analíticas se manifestam. É o caso, por exemplo, de uma nota de rodapé, em que organizações como o *Greenpeace* e *WWF* aparecem como “organizações ambientalistas” e não ONGs, sem um esclarecimento teórico do porque dessa classificação/diferenciação (p.35). É também uma pena que a autora, que fez uma ampla pesquisa sobre a atuação desses atores sociais, seja em material impresso, seja na *internet*, não tenha nos disponibilizado, no corpo do texto ou nas referências bibliográficas, pelo menos alguns dos endereços na *internet* para facilitar futuras pesquisas e aprofundamento sobre o tema. Outro aspecto que atíça nossa curiosidade é entender porque, quando a autora está tecendo comentários e críticas ao FEM (Fórum Econômico Mundial) sob o ponto de vista dos movimentos antiglobalização, coloca como destaque desse momento histórico o fato do escritor brasileiro Paulo Coelho ter elogiado os manifestantes antiglobalização e criticado o excesso de policiamento feito no mesmo (p.44), quando poderia ter citado uma miríade de outras personalidades dos meios universitários, político e artístico-cultural que teriam uma relevância muito maior se tomados como exemplos.

A segunda parte da coletânea é formada pelos textos “Arqueologia dos Movimentos Sociais” e “Subjetividade e Gênero no MST: observações sobre documentos publicados entre 1979-2000”, de Eurípedes e Denise, respectivamente. Ambos tratam, ao seu modo, de movimentos sociais em épocas históricas distintas, nos possibilitando uma comparação, não realizada na coletânea, entre um modelo clássico e um modelo contemporâneo de movimento social.

O texto de Eurípedes apresenta um estudo específico sobre a “Cabanagem”, movimento ocorrido na região do atual Estado do Pará, no início do século XIX. Sob uma ótica foucaultiana, a autora privilegia em seu texto as relações de poder que permearam esse movimento. Discutindo sua ação política, procura ver esse movimento para além de um discurso liberal, ponto de vista que prevalece nos livros de história sobre o mesmo e resgatando, via Kymlicka e Geertz, os problemas referentes aos conflitos culturais/diversidade no interior do movimento. Já o texto de Denise constitui-se em parte de suas pesquisas de mestrado. O título de seu trabalho consegue sintetizar muito bem a problemática abordada em suas reflexões, ou seja, ela procura, através de documentos do MST, descobrir como se formou um olhar sobre o feminino nesse movimento, tanto dos homens como das mulheres que dele participam. Sua análise foca a ação política das mulheres frente aos problemas concretos do dia-a-dia, referentes às desigualdades de gênero presentes no interior do movimento. O que se percebe nas falas da autora é como se processou uma “evolução” (não necessariamente linear e universal) da importância, significado e papel da mulher no decorrer dos últimos 20 anos.

No conjunto, essa coletânea mapeia significativos aspectos da trajetória dos movimentos sociais e dá algumas pistas interpretativas de como vêm sendo constituídos os espaços de participação na esfera pública, no contexto de um mundo globalizado. Convidados a compreender melhor a ação desses atores sociais, resta nos engajarmos nessa luta por um mundo melhor ou mediocrementemente silenciarmos. A escolha é de cada um de nós, escolha pela qual seremos eternamente responsabilizados.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do séculoXXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.